

# Moacyr Scliar e o conto insólito

## MARIA DA GLÓRIA BORDINI

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e ex-professora titular de Teoria Literária dessa Universidade; professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente professora colaboradora convidada nessa mesma instituição, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1B do CNPq.

**RESUMO** Neste artigo apresentam-se diversas modalidades do conto de Moacyr Scliar, percorrendo desde aqueles inspirados na tradição judaica aos que denunciam o aburguesamento geral, dos que se relacionam ao absurdo e ao horror, aos de teor político e de protesto ante as atrocidades destes séculos recentes, realçando-se a potência excepcional de sua imaginação.

**PALAVRAS-CHAVE** Moacyr Scliar; potência imaginativa; contos insólitos; literatura fantástica; alegorias da diáspora.

**ABSTRACT** In this article several varieties of Moacyr Scliar's short stories are presented, from those Jewish-tradition inspired to the ones disclosing the general turn to bourgeoisie, from those related to the absurd and horror to the ones with political tenor, protesting against these last centuries' atrocities, with stress on the outstanding power of his imagination.

**KEYWORDS** Moacyr Scliar; imaginative powers; weird tales; the fantastic genre; allegories of Diaspora.

**SEM DÚVIDA, SCLIAIR É PESSOA DE SEU SÉCULO – DOIS, NA VERDADE – E SUPERA-SE** constante e vertiginosamente tanto como contista quanto como romancista. Lançou-se, porém, como escritor de contos, e no gênero criou uma nova tradição, a do conto brasileiro-judaico. Percorreu desde as raízes da literatura de Israel na Bíblia – e note-se – sem ficar restrito ao Talmude e acolhendo inclusive o Novo Testamento cristão, passando pela tradição literária judeu-russa, de onde provinham os imigrantes para o Sul brasileiro, com seu imaginário cheio de lendas e tocante ingenuidade, e pela narrativa judaica norte-americana, especialmente bebendo do seu sentido (auto) irônico.

Ao crítico Ilan Stavans, declarou certa vez que sua obra foi definida por Sholem Aleichem, de quem aprendeu a retratar os tipos judaicos afetuosa, mas não condescendentemente, em linguagem ao mesmo tempo simples, mas carregada de referências bíblicas; por Franz Kafka, com sua revisão alegórica da narrativa hassídica; por Isaac Babel, figurando os judeus marginalizados de sua época; e por Clarice Lispector, que tinha uma relação conflituada com sua identidade judaica e que o levou a assumir mais abertamente a sua (Cf. STAVANS, online).

De outra parte, desde seus primeiros contos, incorporou as tendências estéticas de cada momento, recriando-as com sua marca, sem a elas submeter-se e sem tornar-se epígono de ninguém. Praticou o conto fantástico, quando a literatura desse gênero circulava num país amordaçado pela ditadura. Enveredou pela intertextualidade quando a narrativa brasileira descobriu que não partia do nada e já possuía não só uma tradição própria quanto relações amistosas com a de outros países e podia glosá-la. Seu conto é elástico: tanto se alonga em torrentes de casos após casos, quanto se abrevia à Kafka, em meia página, isso bem antes do microconto tornar-se uma obsessão. Sustentou uma prolífica produção durante cinco décadas, cujo diferencial, além das conotações judaicas, é a portentosa imaginação criativa.

A obra contística de Scliar perfaz 16 títulos. Um deles, Moacyr enfeitava: *Histórias de um Médico em Formação*, de 1962. Os demais, neles incluídas as antologias, são:

- *O carnaval dos animais*. Porto Alegre: Movimento, 1968;
- *A balada do falso messias*. São Paulo: Ática, 1976;
- *Os mistérios de Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1976;
- *Histórias da terra trêmula*. São Paulo: Escrita, 1977;
- *O anão no televisor*. Porto Alegre: Globo, 1979;
- *Os melhores contos de Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 1984;
- *Dez contos escolhidos*. Brasília: Horizonte, 1984;
- *O olho enigmático*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986;
- *A orelha da Van Gogh*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;
- *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;
- *O amante da Madonna*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997;
- *Os contistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997;
- *Histórias para (quase) todos os gostos*. Porto Alegre: L&PM, 1998;
- *Pai e filho, filho e pai*. Porto Alegre: L&PM, 2002;
- *Histórias que os jornais não contam*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Sobre seus contos, Stavans afirma que: “o corpo, em particular o corpo judeu, foi seu interesse permanente. Suas numerosas histórias (...) apresentam personagens que sofrem uma variedade de mutações (deformações, transformações, reconfigurações) e, conseqüentemente, devem achar um modo de lidar com elas. Só triunfam quando encontram sentido em sua monstruosidade.” (STAVANS, online.) Essa característica bem própria do conto de

Scliar poderia ser interpretada como uma alegoria da necessidade de adaptação a tempos e espaços adversos que a diáspora judaica enfrentou.

Em “Os Usos da Casimira Inglesa”, de *O anão no televisor*, tem-se um exemplo de uma das variedades do conto de Scliar, aqueles contos em que figuram pessoas comuns, um mundo cotidiano familiar a todos, mas levado a extremos pela repetição de algum traço. Nele, o narrador, um lojista, em primeira pessoa, se dirige a Matilde, sua mulher, reclamando que ela quer dar ao pai, um fazendeiro, um corte de casimira inglesa de. O conto tem uma ambiência pequeno-burguesa, ligada ao gasto e a evitar o desperdício, e se constrói por repetição do refrão sobre a duração da casimira inglesa comparada com o tempo de duração do sogro e a possível herança que ele não usaria. Termina com a revelação surpreendente: trata-se de uma carta, pois quem fala partiu para a Bahia – onde ninguém usa casemira. Esse é uma amostra perfeita do modo como Scliar trabalha a identidade da classe média. Seu humor é compassivo, não visa a arrasar ou satirizar e sim apontar, através de um riso sério, tanto as grandes quanto as pequenas atribulações da vida, como a discussão trivial entre marido e mulher e suas conseqüências inesperadas.

Outro exemplo é “O olho enigmático”, do livro de mesmo título. Esse é um conto fantástico, outro traço típico de Scliar, de ideia absolutamente original. Um homem rico apaixonou-se por um original de Rafael Sanzio, cujo olhar fascina o público pelo seu enigma. Ele manda roubar o quadro e o esconde, passando a contemplá-lo até decorá-lo. Mas o retrato desaparece aos poucos, restando só o olho, que também some. Ele pensa até em devolver o quadro, para ver se a pintura, em melhores condições no museu, retornaria. Mas resolve que a melhor solução é pintar o olho e refazer o quadro. A tensão é criada pelas gradativas etapas da

obsessão, até o milionário tornar-se o autor – o máximo do amor à arte. Como não há explicação para o desvanecimento da imagem de Rafael do quadro, tem-se um conto que Tzvetan Todorov classificaria como maravilhoso, ou seja, aquelas histórias em que o advento do inexplicável ocorre, e Scliar o pratica com enorme à vontade. Se há uma conotação moral por detrás do evento maravilhoso, talvez seja a de que não se pode furtar à comunidade a fruição coletiva de uma obra de arte.

O conto que tematiza a burguesia na horizontalidade de suas aspirações, pode ser exemplificado em “No Retiro da Figueira”, de *O anão no televisor*. Narrado em primeira pessoa, o conto trata da busca contemporânea por uma vida sossegada e segura num condomínio. Começa com a insistente propaganda, a verificação do local – maravilhoso – o sistema de guarda, todos amáveis, o chefe formado em direito, a compra da casa. Daí por diante, há descobertas agradáveis: os compradores foram selecionados a dedo, o lugar é paradisíaco.

Tudo corre bem até soar o alarme: a guarda reúne os vizinhos porque há marginais rondando o condomínio. Há uma batida policial que confirma a informação, mas a guarda retém os moradores por três dias, até que um avião desce no campo de pouso e uma mala é entregue ao chefe da guarda, que a confere e entra no aparelho com todos os colegas. Era o resgate: dava para construir dez condomínios. Esse é um dos temas da obra de Scliar, as delícias e agruras da vida burguesa, e o castigo bem humorado do burguês, penando pelo próprio status diferenciado.

Há, porém, outra espécie de texto, que não busca o riso e se poderia chamar de conto cruel. Não chega a ser de horror, como a tradição gótica, que Edgar Allan Poe tão bem expressa, mas aproveita o insólito aterrorizante ou que causa extrema repulsa e se filia à corrente da literatura fantástica.

São aqueles contos voltados ao efeito e de forte carga emotiva, de que falava o mesmo Poe (cf. 1944). Em “Canibal”, de *O carnaval dos animais*, conta-se o destino de duas irmãs de criação, que sofrem um acidente no avião que uma delas pilota. O avião cai na Bolívia. (Há aqui uma alusão direta ao famoso acidente nos Andes, pois Scliar sempre esteve atento ao que se passava de inacreditável a seu redor.)

Na área não há alimentos, mas uma delas trouxera um baú cheio dos melhores víveres. Porém, não os reparte. Enquanto esta se refestela e engorda, a outra emagrece até o ponto que começa a devorar a si mesma, pedaço por pedaço. Mas elas continuam normalmente sua amizade, conversam, etc. Quando chega a equipe de salvamento e pergunta o que aconteceu com o cadáver quase reduzido a esqueleto, a sobrevivente informa que a irmã foi devorada por índios – para não manchar a reputação da irmã com o horror do canibalismo, comenta o narrador. E a imprensa noticia a existência de índios antropófagos na Bolívia, o que não há, reforça a voz que narra, numa última anotação de riso *noir*.

Scliar, para eleger seus temas, faz uso não só de fatos históricos, mas também de elementos lendários. Em “Mensagem”, de *A orelha de Van Gogh*, um conto curto, de uma página, há um rei que cortava a cabeça dos mensageiros que lhe traziam más notícias. Aparece um que as reporta tão bem, que ele era obrigado a recebê-las sorrindo. Nomeia o seu porta-voz e o mensageiro ganha a simpatia do público pelo modo como realiza os pronunciamentos, enquanto o rei é cada vez mais odiado e acaba destronado. O mensageiro é coroado e, ato contínuo, executa todos os mensageiros, começando pelos que “dominavam a arte de dar más notícias”. O conto tem um caráter exemplar, conserva a estrutura da lenda, mas seu sentido expõe o que signifi-

ca a “política realista”. Maquiavel não o rejeitaria como exemplo de como se perde um principado.

Como a todos os homens de bem, o holocausto promovido pelos nazistas assombra pela dimensão do genocídio e sua fria gestão técnica. Como judeu, Scliar não se exime de denunciar essa mancha na história do século XX. Em “Na minha cabeça suja, o holocausto”, de *O olho enigmático*, ele o faz magistralmente pelo discurso interior de um menino de onze anos, em 1949, que além de sujo por fora, se considera sujo por dentro, pelo que pensa e diz. É a vergonha da família, cujo pai, que só pensa em coisas puras, teve irmãos que morreram no Holocausto.

Certo dia, aparece em sua casa um homenzinho magro, de braço tatuado com um número, e o pai mobiliza a comunidade para acolhê-lo. Mischa conta histórias do campo de concentração que emocionam a todos, menos ao garoto, que lhe faz perguntas como e por que não fala iídiche e por que não reza na sinagoga. O garoto imagina que um dia um outro refugiado chega e numa queda de braço descobre-se que os números tatuados nos braços de ambos são iguais. Na mente do menino, Mischa é expulso, mas ganha na loteria com o número da tatuagem, muda para o Rio e, ao retirar cirurgicamente a tatuagem, morre em choque. Tudo isso se passa em sua “suja cabeça”.

Uma história de Mischa sobre as montanhas de sabões dos campos feitos de gordura dos prisioneiros suscita-lhe um sonho em que Mischa o está lavando numa banheira fétida, para tirar-lhe a sujeira da língua e da cabeça. O garoto acorda em meio a um enorme sofrimento – é a este que ele chama de Holocausto. Note-se que as informações sobre a Shoa para o leitor são filtradas por uma mente infantil que tem um laivo de crueldade, a mesma que está em germe naqueles que a fizeram florescer no nazismo. A denúncia, assim, é mais atordoante

do que se Mischa falasse diretamente do que viveu, porque a pequeno narrador nos faz cúmplices de seu desejo de livrar-se daquele que ele julga um mentiroso aproveitador.

Ainda no contexto judaico, mas desta vez na tematização de episódios bíblicos, Scliar produz um conto mais longo, “As pragas”, de *A orelha de Van Gogh*, uma história de primorosa construção. Trata-se das sete pragas que Deus envia ao Egito para que o faraó liberte seus cativos judeus. Só que a história é contada numa perspectiva invertida: é uma família egípcia que tem sua história registrada por um filho que se tornou escriba.

A primeira praga é o rio transformado em sangue. Um irmão quer vender o tal sangue as soldados com hemorragia. Enfim eles descobrem que as areias da margem filtram o sangue e cavam uma cisterna que lhes garante água. A segunda são as rãs, que infestam todo o lugar e a casa. Sempre há o mesmo irmão que quer fazer negócio: desta vez vender coxinhas fritas. Não dá certo, porque todos estão enjoados de rãs. Um mago da administração central explica que é uma maldição dos prisioneiros que estão construindo os monumentos e que vai passar. O pai fica pensando por que um deus qualquer castigaria uma perfeita família comum que nunca explorou ninguém.

A terceira praga são os insetos, moscas e mosquitos, que o irmão quer aproveitar para vender um repelente de esterco de vaca. O pai, se insurge contra esse deus e a mãe já pergunta por que não deixam os cativos irem embora. A quarta praga é a peste, que ataca o gado e depois o pai. Ele é o único atingido pelos tumores e não se rende ao deus estranho, continuando a plantar seu trigo. A quinta praga é o granizo, que destrói parte do trigal. A sexta são os gafanhotos, que acabam com a plantação, por mais que a família reúna um pequeno exército para espantá-los com barulho. O pai,

fora de si, exorta a família a comer os gafanhotos e o trigo dentro deles, levando o filho mais velho a assumir o lugar paterno. Ele começa a fazer planos de modernização do sítio: adubar com os gafanhotos, replantar o trigo, construir um moinho e vender farinha.

A sétima praga é a morte dos primogênitos e aqui o conto se intensifica em termos de conflito familiar silencioso. O pai quer retomar seu lugar e o filho mais velho se opõe, mas, derrotado, vai-se embora. Volta com a notícia de que o Anjo da Morte vai passar, mas poupará as casas onde houver no umbral o sangue de um animal sacrificado. Ele está salvo se matarem a única vaca que sobrou. Pai e filho se olham intensamente, o rapaz supõe que o pai não fará o sacrifício e morre em seus braços, de fraqueza. A família fica sabendo de outros casos, mas desde então “deus algum tem nos incomodado” e a “vida prossegue seu curso, num ciclo aparentemente eterno”, frase que abre o conto.

Ou seja, o conto contempla um lado da narrativa bíblica absolutamente impensado, o do outro, daquele que faz parte do povo conquistador, mas que quase nada possui e que leva a vida como todos nós, na planura do cotidiano. Elementos anacrônicos são inseridos no enredo, como uma irmã cientista e um irmão empreendedor, típicos do mundo moderno e burguês, como operadores de momentos extremamente cômicos. E tudo isso chega ao clímax com a muda luta pelo poder entre pai e filho, velhice e juventude, observado por um olhar complacente, mas pouco inquisitivo no plano religioso, do irmão escritor.

Outra vertente do conto de Scliar reside na discussão política e na ficionalização da História. Homem do seu tempo, Scliar sempre combateu com seu texto os autoritarismos de esquerda e direita. Destronando Marx, “O velho Marx”, de *O carnaval dos animais*, é dos contos mais zombetei-

ros e ao mesmo tempo críticos das ideologias capitalista e comunista. Marx está velho, cansado e pobre, embora famoso. Resolve explorar o regime capitalista, de que conhece todos os erros. Vem para Porto Alegre, consegue emprego numa fábrica de móveis na Avenida Cauduro. Ali trabalham também um judeu, que o convida a participar de um grupo para melhorar a vida da comunidade e que morre de tuberculose, e o negro, Quirino, muito habilidoso.

Convidado para sócio, ficam Marx e o dono a mandar no negro. Ele logo despede o empregado, que sabe fazer de tudo, para substituí-lo por especialistas. Rompe a Guerra e ele finge ser nativo, para não prejudicar o negócio de fornecimento de móveis ao exército. O holocausto nem o toca, e Marx recorre – pioneiramente – à publicidade, ganhando muito dinheiro. Se a enchente de 41 causa prejuízo à fábrica, carregando a madeira, também carrega o antigo dono. No fim da guerra, com a ascensão da Rússia, ele pensa que talvez tivesse errado em confiar no capitalismo e faz um teste com o filho de Quirino, incitando-o a rebelar-se, fazer greve, etc. Mas ele só quer uma casinha, ir ao futebol e tomar sua cachacinha.

Enfim, Marx sempre consegue grandes negócios, prevendo o rumo da economia. Torna-se amargo e reclama de tudo, dos empresários modernos, vagabundos, dos países comunistas, que brigam entre si e só querem consumir, do chimarrão, frio. Quando Quirininho morre num acidente da fábrica e pede a bênção do velho patrão ao expirar, Marx fica impressionado e três dias depois tem de amputar o pé, enterrando-o com pompas e honras. Durante o conto reaparece intermitentemente o caso de um pé que teria seis dedos, depois cinco e quatro. Marx passa a vida em Porto Alegre preocupado com o seu pé, observando quantos dedos tem. O pé amputado, desenterrado por uma mul-

tidão antiesquerda, revela ter mesmo seis dedos. Essa figura do pé anormal se verte sobre a metamorfose do teórico do comunismo, que se torna também monstruoso como capitalista, a sugerir que o regime engole a todos e a todos coopta.

Essas são apenas algumas das vertentes do conto de Scliar. Ele também experimenta a forma – tem um conto só de notas de pé de página, com esse título – e abrange matéria da mais cotidiana, como a mania pelos meios eletrônicos, no impagável “O Anão no Televisor”, as insuportáveis apresentações de trabalhos acadêmicos por meio de slides, em “Temas livres” (também de *A Orelha de Van Gogh*), e até sua área de expertise, a medicina, como em “Memórias de uma Anoréxica” (do mesmo livro).

Por sua imensurável capacidade de inventar enredos, Scliar alcança uma estatura de contista sem par nas letras brasileiras. Parte de tudo o que cerca o homem atual e nada que interessa a esse homem ele descarta, como humanista que foi. Não respeita hierarquias: pobres e ricos, gente real e gente fictícia, figurões e pobres diabos, todos comparecem no seu texto e são tratados generosamente, embora com algum humor, por vezes enviesado.

Vale-se de matéria não só social, mas cultural, tematizando toda espécie de entretenimento, da tevê ao cinema, da música à literatura (de todas as épocas). Os mínimos incidentes do cotidiano lhe chamam a atenção, desde fazer a barba até ouvir ruídos à noite. Mas não enjeita a aventura do inesperado, tanto a conhecida, como acidentes de estrada ou de voo, quanto a desconcertante, como a do cabeleireiro apaixonado pelos cabelos da Medusa.

Dono de uma imaginação especialmente dotada para captar o que de insólito pode haver nas ações humanas, Scliar soube como ninguém entretecer o desejo com a realidade, de antenas vibrando para a sua época. O que nunca abandonou foi

o intuito utópico de, realçando hiperbolicamente monstruosidades e injustiças, até provocar o riso ou o horror, minorar o sofrimento humano e prevenir, pela advertência, suas causas, como bom médico sanitaria que também foi.

## REFERÊNCIAS

- POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: \_\_\_\_\_. *Poesia e prosa*. Porto Alegre: Globo, 1944.v.2.
- SCLIAR, Moacyr. *O carnaval dos animais*. Porto Alegre: Movimento, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O anão no televisor*. Porto Alegre: Globo, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Os melhores contos de Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O olho enigmático*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A orelha de Van Gogh*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- STAVANS, Ilan. 'Moacyr Scliar, 73, Storyteller of Jewish Latin America.' *The Jewish Daily Forward*, 9/3/2011. In: <http://www.forward.com/sections/obituaries/?p=2>. Consultado em 30/05/2011.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.